

**O “SILÊNCIO DE MARX”  
E A HISTORIOGRAFIA:  
MARXISMO RENOVADO, ANTROPOLOGIA, CLASSE E  
CONSCIÊNCIA DE CLASSE NA OBRA DE  
EDWARD THOMPSON**

EDILENE TOLEDO\*

---

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a obra do historiador Edward Thompson, em especial sobre suas relações com o marxismo e com a antropologia e suas implicações na construção dos conceitos de classe e consciência de classe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Thompson, marxismo, antropologia.

**ABSTRACT**

Abstract: This article aims to reflect on the work of historian Edward Thompson, in particular about his relationship with Marxism and anthropology and its influences in the construction of the concepts of class and class consciousness.

**KEYWORDS:** Thompson, marxism, anthropology.

---

Na famosa entrevista de Edward Thompson, publicada originalmente na *Radical History Review*, em 1976, e amplamente divulgada entre nós na sua versão em espanhol, ele se referiu ao que considerava um silêncio na obra de Marx e a quanto o esforço de preencher esse silêncio tinha sido fundamental em seus trabalhos:

Há uma preocupação que corre ao largo de toda a minha obra, inclusive antes que eu percebesse totalmente o seu significado. Esta preocupação se refere ao que considero um verdadeiro “silêncio” em Marx, silêncio que se encontra na área que os antropólogos chamariam sistemas de valores. Não que Marx não tenha dito nada que possa preencher esse “silêncio”, mas há um “silêncio” em relação a reflexões de tipo cultural e moral.<sup>1</sup>

Nessa passagem tão significativa e representativa do pensamento e da obra de Thompson, não é certamente casual a referência aos antropólogos. É evidente que a influência das reflexões e dos conceitos da antropologia foram fundamentais nessa ênfase dada por Thompson à cultura. Em texto publicado no ano seguinte a essa entrevista, em 1977, ele também faz referência a essa sua relação com a antropologia, ainda que argumente que o uso que fazia dela era bastante livre e não sistemático:

No trabalho a que me dediquei nos últimos dez anos, sobre a história social inglesa do século XVIII, é verdade que me deparei com problemas de recuperação e compreensão da cultura popular e do ritual, problemas possíveis de serem vistos, de modo muito geral, como mais próximos às preocupações da antropologia social que da história econômica. Também é verdade que estou cada vez mais propenso a dispor de materiais folclóricos. (...) mas o meu conhecimento da antropologia ocidental é intermitente e eclético.<sup>2</sup>

A perspectiva antropológica de Thompson não é nem a da antropologia estruturalista nem a antropologia funcionalista, mas tem conexões com a antropologia interpretativa de Geertz.<sup>3</sup> María Gómez Garrido considera que a perspectiva de Thompson, embora também

tenha uma conexão com a chamada antropologia da experiência, é diferente dos antropólogos porque é relacionada, sobretudo, com a experiência política de militância de Thompson no Partido Comunista britânico e com a sua participação no grupo de historiadores marxistas que o levaram a ter uma preocupação com questões específicas como o sofrimento e a exploração de determinados grupos sociais.<sup>4</sup>

Thompson considerava que não podia lidar com as contradições de processos históricos mais profundos, sem observar os problemas revelados pelos antropólogos.<sup>5</sup> Essas escolhas, porém, implicaram, para ele, compreendendo-se como um historiador do que ele chamava de tradição marxista, numa “autocrítica marxista”.<sup>6</sup>

Quando considerava uma questão como a disciplina de trabalho ou os rituais populares no século XVIII, Thompson argumentava que não introduzia nela todo um conjunto de convicções pré-fabricadas, mas procurava mantê-las à distância e examiná-las em seus próprios termos e dentro de seu próprio conjunto de relações,<sup>7</sup> outro aspecto evidente da importância da influência da antropologia no seu modo de fazer a análise do passado. Para Thompson: “O historiador deve aprender a dar atenção e escutar grupos muito díspares de pessoas e tentar compreender seu sistema de valores e sua consciência”.<sup>8</sup>

Para ele o ser e o pensar estão sempre indissociados e por isso a experiência, seu conceito fundamental, compreende também “a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados”.<sup>9</sup> A experiência não surge sem pensamento porque os homens e mulheres são racionais e refletem sobre o que acontecem a eles e ao seu mundo, insiste Thompson.<sup>10</sup>

O seu esforço, partindo da tradição marxista, era o de refletir sobre os modos em que o ser humano está imbricado em relações de produção, mas também, e sobretudo, o modo como estas experiências materiais se moldam em formas culturais. Para ele, não existe uma

ideologia moral pertencente a uma “superestrutura”. E acrescenta: “o que há são duas coisas que constituem as duas faces de uma mesma moeda”.<sup>11</sup> Isso o fez recusar a metáfora “base/superestrutura” e buscar outras metáforas.

Seu diálogo e incorporação da antropologia, entre outras razões, levaram-no, portanto, a rever e repensar o marxismo, não superficialmente, mas em seus elementos centrais, como se pode perceber nessa passagem:

Se desejo efetuar uma junção não apenas com a ‘antropologia social’ mas também com a ‘antropologia’ marxista, estou convencido de que devo abandonar o conceito, curiosamente estático, de ‘base’ e ‘superestrutura’, pelo qual, na tradição marxista dominante, a ‘base’ vem identificada com o ‘econômico’, afirmando uma prioridade heurística das necessidades e comportamentos econômicos diante das normas e sistemas de valores.<sup>12</sup>

Thompson considerava que a assertiva “o ser social determina a consciência social” deveria ser submetida a “exame e qualificação escrupulosos”.<sup>13</sup> Não se pode negligenciar, portanto, para ele, o diálogo entre o ser social e a consciência social, diálogo que se processa em ambas as direções. Como observa Thompson: “A consciência, seja como cultura não autoconsciente, ou como mito, ou como ciência, ou lei, ou ideologia articulada, atua de volta sobre o ser, por sua vez: assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido”.<sup>14</sup> O nosso autor se lamentou inúmeras vezes de estudiosos como Althusser que, segundo ele, se recusavam a dar ouvidos aos argumentos de historiadores e antropólogos sobre essas questões.

Ele questionou, portanto, a ideia de ser possível descrever um modo de produção em termos econômicos pondo de lado, como secundários e menos reais, as normas, a cultura, e os conceitos sobre os quais se organiza um modo de produção. Ele criticava, então, a relutância dos historiadores da tradição marxista em acrescentar esse alargamento que ele julgava extremamente necessário, resistência essa

que ele considerava ligada a uma noção restritiva do que é a economia<sup>15</sup> e a uma leitura que ignorava ou subestimava aspectos importantes da própria obra de Marx. Para Thompson, a religião e os imperativos morais estão inextricavelmente imbricados com as necessidades econômicas.

Thompson destacava da obra de Marx, em especial nos *Grundrisse*, que Hobsbawm considera “o único guia para o pleno entendimento do tratado do qual *O capital* é apenas uma pequena parte, e uma inigualável introdução à metodologia do Marx maduro”,<sup>16</sup> passagens em que o filósofo alemão enfatizava a simultaneidade da manifestação das relações produtivas em todos os sistemas e áreas da vida social.<sup>17</sup> E Thompson continua sua crítica à analogia base e superestrutura, que considera radicalmente inadequada, porque estaria dotada de:

Uma inerente tendência ao reducionismo ou ao determinismo econômico vulgar, classificando atividades e atributos humanos ao dispor alguns desses na superestrutura (lei, arte, religião, ‘moralidade’), outros na base (tecnologia, economia, as ciências aplicadas), e deixando outros ainda a flunar, desgraçadamente, no meio (linguística, disciplina de trabalho).<sup>18</sup>

Ele é, portanto um crítico feroz de um marxismo muito presente naqueles anos 1960 e 1970, daqueles que “pretendiam ser mais marxistas do que Marx”,<sup>19</sup> os quais ele acusa de oferecerem um “teorismo a-histórico”<sup>20</sup> que ele parece considerar uma deformação, ou, ao menos, um superdimensionamento de certos aspectos da interpretação de Marx, que implicavam, para ele, numa leitura equivocada, num afastamento das intenções do próprio Marx e mais, numa ameaça à tradição de análise marxista histórica.<sup>21</sup> Ele considerava que seus adversários não compreendiam o caráter histórico das categorias empregadas por Marx.

Nos anos 1970, na famosa entrevista, anteriormente citada, e em *A miséria da teoria*, publicado em 1978, Thompson vê o debate que está empreendendo não como um ataque, mas, ao contrário, como uma

defesa do marxismo, de um marxismo racional. Ele não quer abrir mão, de modo algum, do pertencimento a essa tradição e insiste na autenticidade do seu marxismo, na sua vinculação direta com a obra de Marx:

Se recuso tanto a analogia da base e superestrutura quanto a prioridade interpretativa atribuída ao econômico, em que sentido me insiro na tradição marxista? Somente, eu temo, no sentido em que Karl Marx, em si, inseria-se. Pois não há dificuldade em demonstrar o quanto as versões reducionistas e economicistas do marxismo estão distantes do pensamento de Marx.<sup>22</sup>

A partir da sua leitura do marxismo, Thompson destacava que nas sociedades modernas, as relações de produção encontram expressão na formação e luta (ocasionalmente no equilíbrio) das classes. A questão estava então no modo como se definem as classes. Para Thompson:

(...) classe não é, como gostariam alguns sociólogos, uma categoria estática: tais e tais pessoas situadas nesta ou naquela relação com os meios de produção, mensuráveis em termos positivistas ou quantitativos. Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista.<sup>23</sup>

É nesse sentido que, para ele, classe é uma formação tanto econômica quanto cultural, sendo, na sua compreensão, um erro favorecer um aspecto em detrimento do outro, não sendo possível conceber o ser social separado da consciência social e das normas.<sup>24</sup> Daí resulta uma consequência importante no seu pensamento sobre a transformação histórica, que para ele:

Acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma “superestrutura” correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem *vivenciadas* na vida social e cultural, de repercutirem nas ideias e

valores humanos e de serem questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas.<sup>25</sup>

Em outro texto, também de 1977, Thompson sublinha o fato de estar em desacordo com muitos outros marxistas e também não marxistas que se ocupavam então com o tema da classe e da consciência de classe e por isso escreve o texto para debater esses conceitos-chave do marxismo, iniciando por definir classe como categoria histórica, a ser investigada em seu comportamento através do tempo, e recusando-a, portanto, como abstração e como categoria estática, como medida quantitativa:

“Classe”, na minha prática, é uma categoria histórica, ou seja, deriva de processos sociais através do tempo. Somos, então, levados a teorizar este fenômeno como uma teoria global das classes e de sua formação, esperando encontrar algumas regularidades, certos “estágios” de desenvolvimento etc. (...) Contudo, a esta altura, ocorre que, com excessiva frequência, a teoria prevalece sobre o fenômeno histórico que se propõe teorizar. É plausível supor que a classe seja levada em consideração não no quadro do processo histórico, mas abstratamente. Ainda que não admitamos que isso se dê apenas no terreno mental, uma grande parte do discurso sobre as classes ocorre, em realidade, assim. Ou melhor, modelos ou estruturas são teorizados pressupondo-se que neles se verifiquem definições objetivas de classe, como, por exemplo, a da expressão de relações diversas de produção.<sup>26</sup>

Thompson, nesse mesmo texto, declarou acreditar e poder demonstrar que muitas vezes, no próprio Marx e, especialmente, em *O Capital*, a classe vista como categoria histórica era a aceção dominante e que esse era o pressuposto de muitos, se não todos, da tradição histórica marxista inglesa, sobretudo os da velha geração, ainda que classe como categoria estática tivesse conquistado peso em setores muito relevantes de todo o pensamento marxista.

A crítica de Thompson centrava-se no modelo estático de relações capitalistas de produção das quais eram extraídas as classes e a ela deveria

corresponder uma “consciência”. Desse raciocínio derivam questões políticas e acadêmicas importantes:

Em uma forma comum, geralmente leninista, isso fornece uma boa justificativa para uma política de “substantivos”, como aquele de uma “vanguarda” que saberia mais que a própria classe quais seriam tanto o interesse verdadeiro quanto a consciência mais conveniente a essa mesma classe. Em uma forma alternativa, mas muito mais sofisticada, com Althusser, temos de novo uma categoria profundamente estática, uma categoria que encontra a própria definição apenas em uma totalidade estrutural estática. Malgrado esta sofisticação teórica, malgrado o fato de essa teoria refutar o processo histórico empírico real da formação da classe, os resultados são muito próximos dos da versão economicista vulgar.<sup>27</sup>

O problema central para Thompson era que ambos se apoiavam em uma noção de “falsa consciência” análoga, ainda que a teoria de Althusser e de outros fossem muitos mais sofisticadas do que a forma comum leninista.

Thompson considerava que havia sido dada excessiva atenção, freqüentemente de maneira anti-histórica, à “classe”, e muito pouca, ao contrário, à “luta de classes”. Para ele, ao contrário, é a luta de classes o conceito prioritário:

“(…) a luta de classes é evidentemente um conceito histórico, pois implica um processo, e, portanto, seja o filósofo, o sociólogo ou o criador de teorias, todos têm dificuldade em utilizá-lo. Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção, fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real. Mas se adotarmos uma concepção estática da categoria de classe, ou se fizermos descender esse nosso conceito de um modelo teórico preliminar de totalidade estrutural, não procederemos assim, pois estaremos

subentendendo que a classe está presente desde o início como um resultado de relações de produção, daí derivando a luta de classes”.

Classe e consciência de classe são, portanto, para ele, sempre o último estágio de um processo real de luta de classes. Para ele não era possível falar de classes sem que as pessoas, diante de outros grupos, por meio de um processo de luta, o que para ele compreende uma luta no plano cultural, entrem em relação e em oposição sob uma forma classista, ou ainda sem que modifiquem as relações de classe herdadas, já existentes. A classe então não pode ser definida independentemente das relações com outros grupos sociais e classes. Não existe, para ele, classe sem consciência de classe:

Para um historiador, e espero poder afirmar que isso vale para um historiador marxista, atribuir o termo “classe” a um grupo privado de consciência de classe, ou de cultura de classe, e que não age nessa direção é uma afirmação destituída de significado. Podemos dizer: “os pobres, ou a plebe, podem vir a ter consciência de si apenas como proletariado”, tal é a seqüência histórica da formação de uma classe”.<sup>28</sup>

Nessa mesma lógica interpretativa, não há um modelo de formação de classe a ser seguido, mas ele deve ser analisado no seu efetivo fazer-se:

Se, de fato, esse pobre ou essa plebe se alinham com outros grupos (proprietários de terra, mercadores, Estado) de um ponto de vista classista e se possuem uma consciência correspondente, que não é a de um “proletariado” maduro ou de classe operária, logo o problema histórico começa com a análise e definição deste específico processo de formação da classe. (...) Se creio que, de fato, um certo dado histórico não está de acordo com as costumeiras categorias de classe, então, em vez de golpear a história para salvar as categorias, devemos instigá-las com novas análises (...) Na história, nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente”.<sup>29</sup>

Esses pressupostos obviamente não significavam que Thompson considerava que a formação da classe é independente de determinações objetivas e nem que a classe possa ser definida como simples fenômeno cultural. Ele insistiu sobre essa questão no famoso prefácio de *A formação*: “a classe é uma formação tanto cultural como econômica”.<sup>30</sup> Para ele, porém, essas determinações objetivas exigem um exame muito escrupuloso.

Sobre esse debate sobre a determinação é também interessante observar uma passagem de *A miséria da Teoria*:

“Os historiadores do futuro, que saberão *como* os fatos se passaram, terão uma ajuda poderosa para compreender não porque eles tinham que se processar da maneira pela qual se processaram, mas porque de fato assim fizeram; isto é, observarão no laboratório dos acontecimentos as evidências de determinação, não vistas como lei governada pela regra, mas no sentido de ‘fixação de limites’ e ‘exercício de pressões’.”<sup>31</sup>

Para ele, consciência, aplicada a uma coletividade muito ampla, como uma classe, designa uma cultura global. Essa consciência, no seu entender, não pode ser nem “verdadeira” nem “falsa”. É simplesmente o que é. As aspirações dos trabalhadores do passado eram válidas nos termos de sua própria experiência. Classe é então um fenômeno histórico, “que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados tanto na matéria-prima da experiência como na consciência”.<sup>32</sup> Classe não é então para ele nem uma estrutura, nem uma categoria, “mas algo que ocorre efetivamente nas relações humanas”.<sup>33</sup> Ele considera que a experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção. A consciência de classe, porém, é a forma como essas experiências são elaboradas culturalmente. Se a experiência de classe é determinada, a consciência de classe não.

Ideias como essas revolucionaram a historiografia sobre os movimentos dos trabalhadores no Brasil, em especial a partir dos anos 1980.<sup>34</sup>

Thompson não estava sozinho na sua revisão do marxismo. Hobsbawm observa que nas décadas de 1960 e 1970 houve um número considerável de marxistas que, como Thompson, rejeitaram a afirmação segundo a qual não é a consciência que determina o ser, mas, ao contrário, é o ser social que determina a consciência, isto é, as ideias de Marx sobre base e superestrutura.<sup>35</sup> Hobsbawm considera até que em nenhum outro período da história do marxismo, afirmações como essas, em desacordo com o que a maioria dos marxistas acreditava até então, foram feitas com tanta frequência e acolhidas por muitos estudiosos que continuavam a se considerar marxistas, como Thompson.<sup>36</sup>

Hobsbawm, porém, ao contrário do que pensava Thompson, acreditava poder afirmar com certeza que muitas dessas reconsiderações teriam enfurecido Marx! Considera-os verdadeiros desafios às teses elaboradas por Marx e que estas representaram, segundo a sua interpretação, a ruptura mais radical da tradição intelectual marxista. Para ele, não cabe ao historiador julgar se essas revisões foram válidas ou equivocadas, o que interessa para ele é que representaram um esforço extraordinário para fortalecer o marxismo, renovando-o e desenvolvendo-o ainda mais e por isso comprovam, no seu entender, “o notável vigor e a atração de Marx”.<sup>37</sup>

Hobsbawm considera também que esses revisores do marxismo, entre os quais vimos que se encontra também Thompson, ao mesmo tempo em que defenderam a necessidade de reconsiderações substanciais do marxismo, admitindo a possibilidade de erros e imprecisões na obra de Marx, reafirmaram também a convicção de que o seu pensamento permaneceu como um guia essencial para a compreensão do mundo e também para a sua transformação.<sup>38</sup> Foi nesse período que declinaram as ortodoxias de um único marxismo “correto”, nos diz Hobsbawm, e os textos clássicos passaram a ser tratados de forma mais crítica.<sup>39</sup> Para ele “a maré intelectual de Marx e do marxismo” chegou a seu ponto máximo

na década de 1970.<sup>40</sup> No início da década seguinte, já era óbvio que o marxismo decaía rapidamente, tanto do ponto de vista político quanto do intelectual.

As escolhas de Thompson, de ênfase nas questões culturais, por exemplo, não configuravam, certamente, apenas uma escolha temática, teórica e metodológica para pensar o passado, mas tinha, para ele, um sentido político muito preciso, de avaliação de experiências históricas mais recentes do que as que estudou em suas pesquisas:

Em meu trabalho me interessaram especialmente os valores, a cultura, o direito, e essa zona onde a escolha que se chama geralmente escolha moral se faz manifesta. Foi uma ausência total inclusive de uma linguagem para tratar a moral e os valores o que constituiu uma característica distintiva do stalinismo.<sup>41</sup>

Sua preocupação, portanto, lhe parecia estar em consonância com sua própria experiência política, destacando o que considerava a cegueira e o fracasso e os imensos erros políticos que “até comunistas consagrados e generosos”<sup>42</sup> haviam cometido repetidamente. Analisando os erros políticos da esquerda, Thompson considerava que muitos tinham adotado mentalmente modelos e categorias que os conduziram constantemente a repetir simplificações excessivas, derivações econômicas ultra-simplificadas do comportamento e das motivações humanas. Isso se tornou para ele um problema teórico essencial. Preocupava-o o problema da degeneração do vocabulário teórico da principal corrente do marxismo ortodoxo: o empobrecimento de sua sensibilidade, a primazia de categorias que negavam a existência efetiva (na história ou no presente) de uma consciência moral.<sup>43</sup>

Marcelo Badaró considera que a definição de classe, como processo e relação, não como categoria estática, presente em *A formação da classe operária inglesa*, e outras ideias centrais do pensamento e produção

historiográfica de Thompson foram construídas bem antes, justamente na sua atuação militante, em especial contra o stalinismo, nas suas intervenções no debate político ainda nos anos 1950 e 1960.<sup>44</sup>

A produção de Thompson como historiador não pode ser compreendida, portanto, separada de seu engajamento político.<sup>45</sup> Thompson tinha assumido, também a partir de sua experiência na guerra, um compromisso total com aqueles que tinham morrido em defesa da liberdade e pela derrota do fascismo. Ele permaneceu para sempre fiel à memória e às intenções desses mortos, entre os quais estava seu único irmão.<sup>46</sup> Como foi destacado em um obituário citado por Palmer, Thompson reverenciou seu “amado e admirado irmão mais velho como um verdadeiro marco, um ponto de referência moral e emocional presente em toda a sua obra e pensamento político”.<sup>47</sup>

Seu engajamento político implicava numa resistência, por princípio, também ao stalinismo, com seu conteúdo de irracionalidade e desumanidade, mas não uma oposição ao marxismo, e sim uma reabilitação de categorias e de um vocabulário perdidos da tradição marxista. Porém, para ele, esse “vocabulário” de Marx era formado, em parte, por esses silêncios, aos quais ele se referiu anteriormente, além de pressupostos não articulados e reflexões não conscientes. Em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, ele tentou dar voz a esse silêncio, buscando o implícito, o quase-dito. Para Thompson, está implícito na obra de Marx que é um erro definir o homem como “econômico”. E então Thompson insiste no caráter complementar e não conflituoso da sua obra com os elementos centrais do marxismo: “esse tipo de crítica (...) é totalmente complementar e em nenhum modo em conflito com a tradição marxista”.<sup>48</sup> Sua luta intelectual e política era contra manifestações do marxismo que considerava marcadas pelo determinismo econômico e pela negação da ação humana.<sup>49</sup> Seu projeto era, portanto, o de humanizar o marxismo.<sup>50</sup> Segundo Palmer, Thompson e outros marxistas

tentavam enfrentar as tensões não resolvidas na obra de Marx e na própria história: “a tensão entre o humanismo e o determinismo, entre a liberdade do homem e a necessidade histórica”.<sup>51</sup>

Houve o esforço, portanto, de Thompson, na entrevista citada, a de 1976, de argumentar que suas escolhas não o colocavam em contraposição à obra de Marx. Cláudio Batalha observa que a leitura que Thompson faz da obra de Marx não é ortodoxa, mas uma leitura aberta e complexa, tomando a obra e os conceitos de Marx como um ponto de partida, não como um modelo fechado.<sup>52</sup>

Thompson destacou, porém, que não era de modo algum um crítico total do marxismo estrutural, mas considerava que a teoria não podia prescindir do diálogo entre conceito e evidência empírica, elemento central de seu percurso teórico-metodológico. Ele considerava que nos escritos de Althusser, principal alvo de sua crítica, o marxismo era teologia e que entre uma teologia e o que ele considerava a mais importante tradição de Marx havia muito pouco em comum.<sup>53</sup> Para ele o marxismo deveria ser uma teoria racional, capaz de aceitar o diálogo com a evidência e a crítica racional aberta. Para ele, portanto, Althusser tinha produzido uma epistemologia que excluía o diálogo básico entre conceito e evidência empírica. Toda teoria, para Thompson, teria então um caráter provisório:

A ideia de ter uma teoria consistente e que abarque tudo é em si mesma uma heresia. (...) Considero a teoria como crítica, como polêmica. Creio firmemente na necessidade de se destacar o aspecto teórico dos problemas, mas também acredito que às vezes se consegue melhor resultado mediante o método crítico. Isso se encontra também em Marx e Engels.<sup>54</sup> (...) Esta é a importância da verdadeira história: não só põe a teoria à prova, mas também a reconstrói.<sup>55</sup>

A importância da história estava para ele justamente não só em por a teoria à prova, mas em reconstruí-la. A pesquisa que resultou no livro *Formação da Classe Operária Inglesa* surgiu, segundo o próprio Thompson,

também dessa polêmica teórica: fazer a história social implicava numa polêmica com a tradição da história econômica e com expressões do marxismo que tinham assumido um caráter teológico. A polêmica se dava também com os aspectos economicistas do marxismo e com a noção muito simplificada da formação da classe operária.

Batalha também considera que apesar dessa sua crítica enfática ao que considerava desvios do marxismo pós-Marx, e das influências que Thompson recebeu de vários outros autores, ele permanece, em sua plenitude, um autor marxista:

A contribuição de Thompson à obra de Marx provém precisamente das novas leituras que deu a ela, enriquecendo-a, ampliando o alcance de algumas de suas análises e conceitos, e enfrentando seus silêncios. (...) A problemática thompsoniana encontra-se firmemente ancorada na tradição marxista centrando sua produção historiográfica na luta de classes e buscando a coerência entre a teoria e a prática política.<sup>56</sup>

O mesmo autor destaca que Thompson nunca pretendeu ser um teórico do marxismo, e sua insistência e sua ação na necessidade da pesquisa histórica o levou a ser acusado por seus críticos de empirista e de dar pouco peso à teoria.<sup>57</sup> Batalha considera que é difícil estabelecer o peso efetivo do marxismo em Thompson, considerando-se que as citações diretas a Marx e Engels são muito poucas em suas obras. O marxismo de Thompson, para Batalha, aparece mais nas discussões que giram em torno dos conceitos de classe e consciência de classe, conceitos essenciais na obra de Marx. Por isso tratamos aqui especialmente desses dois conceitos marxistas em Thompson. Certamente esses conceitos são centrais na sua obra, como ele mesmo argumentava, referindo-se à sua obra principal:

Os conceitos críticos usados constantemente em *A Formação* são os de classe e luta de classes. Eu daria primazia a esses... (...) A formação de um modelo de capitalismo com uma estrutura estática é estranha ao que eu entendia, e continuo entendendo, de Marx. Mas é provável que eu tenha

lido Marx de modo ligeiramente diferente dos leitores atuais. (...) Na correspondência de Marx com Engels se pode observá-los trabalhando sobre a história na oficina (...) A epistemologia de Marx é, antes de tudo, histórica. (...) ... os conceitos como classe, ideologia e o próprio capitalismo são conceitos históricos, quer dizer, não surgem de uma análise estrutural, mas sim de um exame de modelos repetidos que se percebem ao longo do tempo.<sup>58</sup>

Batalha considera que uma das maiores contribuições de Thompson à tradição historiográfica marxista foi justamente a sua noção de classe.<sup>59</sup> Essencialmente, Thompson definiu classe como um conceito histórico e não como uma categoria estática às quais a experiência histórica deveria se moldar. Para ele então a classe como fenômeno histórico só existe se tem consciência de si e essa consciência não necessariamente assume uma forma prevista.<sup>60</sup>

As críticas recebidas por Thompson tanto no âmbito do marxismo como fora dele referem-se entre outras ao voluntarismo, isto é, ao peso atribuído à ação consciente (e conseqüentemente ao pouco peso atribuído às determinações) e ao culturalismo, a ênfase na esfera da cultura.<sup>61</sup> Perry Anderson também questionou a consciência como critério de definição da classe.<sup>62</sup> Richard Johnson é um dos que classificaram Thompson como “culturalista”, pela centralidade atribuída à cultura e a conseqüente redução do econômico, procurando demonstrar que ele se afastou da tradição marxista. Para outros, como Harvey Kaye, a obra de Thompson representa uma continuidade dessa tradição.<sup>63</sup>

Sergio Silva, por exemplo, considera que a crítica de Thompson a alguns aspectos do marxismo é muito mais radical do que o próprio Thompson e muitos de seus comentadores consideraram. Ele considera que as ideias fundamentais e originais de Thompson que já se apresentam no seu livro mais famoso, *A Formação*, contradiz teses importantes de *O capital*. Para Thompson, diz o autor, o proletariado não

seria um resultado da industrialização, como aparece em “Em busca da mais-valia relativa”.<sup>64</sup>

Para Silva, a formação da classe operária como condição e não simples consequência da industrialização e o fato de que Thompson submete a transformação das forças produtivas e do próprio modo de produção ao processo real, histórico, da luta de classes é uma verdadeira inversão, que expressa uma vinculação de inspiração, é claro, mas também de dura crítica em relação a Marx. Silva destaca o que considera a recusa completa e radical de Thompson da noção de classe social como resultado do modo de produção e a afirmação, como consequência, da classe social como resultado da luta de classes. Daí resulta também, destaca Silva, que “a consciência de classe é aquela que a classe efetivamente produziu, no processo histórico de seu auto-reconhecimento e construção, e não aquela que deduzimos do modo de produção”.<sup>65</sup>

Silva destaca também um aspecto muito importante, como consequência dessa elaboração de Thompson, no debate político e acadêmico geral: dizer que a classe é resultado de suas próprias lutas e que ela é que faz a si própria significou negar fundamentos teóricos e políticos a partidos e intelectuais.<sup>66</sup>

Em 1992, portanto muitos anos depois de ter escrito *A Formação*, em entrevista concedida a Penelope Corfield, Thompson declarou não se definir como marxista, afirmando tê-lo já recusado em algumas passagens de *A miséria da teoria*, por exemplo.<sup>67</sup> Argumentou também, nessa mesma entrevista, que cada um deve poder selecionar como desejar elementos da tradição marxista, sem correr o risco de ser considerado um herege.<sup>68</sup> A respeito disso, é muito significativo o fragmento de Francis Bacon que Thompson selecionou como uma das epígrafes de *A miséria da teoria*:

Os discípulos devem aos mestres apenas uma fé e uma suspensão temporária de seu próprio juízo, até que estejam completamente instruídos, e não uma resignação absoluta ou um cativo perpétuo... que os grandes autores recebam, portanto, o que lhes é devido, e que também o tempo, que é o autor dos autores, não seja privado do que é seu, isto é, descobrir mais e mais a verdade.<sup>69</sup>

É nessa linha de pensamento que Thompson declarou também acreditar ser, ainda que a expressão não o agradasse, uma espécie de pós-marxista, acrescentando, porém, e reafirmando o seu gosto pela polêmica, que sua posição dependia do interlocutor: “se falo com anti-marxistas rígidos, tendo a retornar no caminho marxista, enquanto quando falo com marxistas dogmáticos me sinto logo empurrado a abandonar esse mesmo caminho”.<sup>70</sup> Declarou considerar as discussões sobre o marxismo muito entediantes e que as formas religiosas de marxismo eram uma forma de irracionalismo. Vê *A Formação* como uma polêmica contra a história econômica quantitativa ortodoxa e contra o marxismo dogmático ortodoxo. Seu trabalho foi também uma defesa da atividade autodeterminada das classes trabalhadoras.

Quanto ao trabalho do historiador, novamente nessa entrevista de 1992, assim como na de 1976, defendeu que considerava o necessário diálogo empírico deveria ser informado pela teoria:

Penso que a história deva ser informada pela teoria. Creio que a teoria possa tomar a forma da crítica e da polêmica, mais que da construção de estruturas teóricas que abstraem a crítica e a pesquisa empírica. É contra a abstração que eu me rebelo. E penso que na prática dos próprios Marx e Engels, muitos dos desenvolvimentos teóricos tivessem lugar na forma da crítica e da polêmica.<sup>71</sup>

Em outra passagem, ele insiste que:

As categorias adequadas à investigação da história são categorias históricas. O materialismo histórico distingue-se de outros sistemas interpretativos pela sua obstinação teimosa (teimosia que foi por vezes

doutrinária) em elaborar essas categorias, e em articulá-las numa totalidade conceitual. Essa totalidade não é uma “verdade” teórica acabada (ou Teoria); mas também não é um ‘modelo’ fictício, é um conhecimento em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas. O desenvolvimento desse conhecimento se dá tanto na teoria quanto na prática.<sup>72</sup>

Como afirmou Christopher Hill, o marxismo de Thompson “era inteiramente alheio a dogmas preconcebidos”.<sup>73</sup> Sua mensagem é a da atividade autodeterminada, que os seres humanos são agentes, ainda que agentes muito limitados, e frequentemente vencidos pelas determinações. Mas são agentes no fazer-se da sua história. Isso é ligado à consciência, mas a consciência não é automática, é construída, é feita pela atividade. Marx também acreditava que a mudança histórica se realiza mediante ações de homens que fazem sua própria história.

Vários autores destacaram também, com justiça, o caráter original dos trabalhos de Thompson:

A obra de Thompson aliou paixão e intelecto, os dons do poeta, do narrador, do analista. Ele foi o único historiador que conheci dono não só de talento, brilhantismo e erudição – e da dádiva da escrita – como também capaz de produzir algo de qualitativamente diverso de tudo aquilo que o resto de nós produziu”.<sup>74</sup>

Eu me convenci, então, como estou ainda, de que o livro [A formação] era diferente de todos os demais livros de história com os quais tinha tido contato”.<sup>75</sup>

Aclamado por uns, duramente criticado por outros, Thompson certamente foi um dos grandes historiadores do século XX, reelaborando e trazendo conceitos importantes, como experiência, classe, consciência de classe e cultura para o centro dos debates da história e influenciando gerações de historiadores em várias partes do mundo, defendendo a importância da pesquisa histórica e reafirmando também o potencial e a contribuição histórica da obra de Marx.

## Notas

---

\* Doutorado na Universidade Estadual de Campinas. Professora de História do Brasil da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: edilene.toledo@unifesp.br.

<sup>1</sup> Una entrevista con E. P. Thompson. *in Tradición, revuelta y consciencia de classe*. Barcelona: Crítica, 1979, p. 315. Em todas as citações desse texto, as traduções são minhas.

<sup>2</sup> THOMPSON, E.P. Folclore, antropologia e história social. *in*: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.) *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, pp.227-228. Publicado originalmente em *The Indian Historical Review*. n. 2, 1977.

<sup>3</sup> GARRIDO, María Gómez. *La mirada antropológica de E. P. Thompson*. Sociología Histórica. 3/2013, p. 290.

<sup>4</sup> *Idem*.

<sup>5</sup> THOMPSON, E. P., *Op. Cit.*, p. 263.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 228.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 298.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 309.

<sup>9</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.15.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>11</sup> *Una entrevista. Op. Cit.*, p. 315.

<sup>12</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 2001, pp. 252-253.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 253.

<sup>14</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1981, p. 17.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 263.

<sup>16</sup> HOBBSAWM, Eric. A descoberta dos Grundisse. *in: Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 120.

<sup>17</sup> THOMPSON, E.P. *Op. Cit.*, 2001, p. 254.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 263.

<sup>19</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1981, p. 10.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 11.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 12.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 258.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 260.

<sup>24</sup> *Idem*, pp. 260-261.

<sup>25</sup> *Idem*, pp. 260-261.

<sup>26</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 2001, p. 270.

<sup>27</sup> *Idem*.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> *Idem*.

<sup>30</sup> THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa I – A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 13.

<sup>31</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1981 p. 61.

<sup>32</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, 1987, p. 9.

<sup>33</sup> *Idem*.

---

<sup>34</sup> Ver, entre tantos outros, HALL, M. M.; PINHEIRO, P. S. Alargando a história da classe operária. *in: Remate de Males*. v. 5, pp. 96-120, 1985, onde essas ideias de Thompson são fundamentais na renovação da historiografia do trabalho.

<sup>35</sup> HOBBSAWM, Eric. *Op. Cit.*, 2011, p. 338.

<sup>36</sup> *Idem.*

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> *Idem.*

<sup>39</sup> *Idem*, p. 342.

<sup>40</sup> *Idem*, p. 345.

<sup>41</sup> Una entrevista... *Op. Cit.*, pp. 315-316.

<sup>42</sup> *Idem*, p. 316.

<sup>43</sup> *Idem.*

<sup>44</sup> BADARÓ, Marcelo. *História e projeto social: a origem militante do debate sobre classes e luta de classes na obra de E. P. Thompson*. Disponível em: [http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6638\\_Badaro\\_Marcelo.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6638_Badaro_Marcelo.pdf)

<sup>45</sup> BATALHA, Claudio H. M. Thompson diante de Marx. *in: BOITO Jr, Armando; TOLEDO, Caio Navarro de; RANIERI, Jesus; TRÓPIA, Patrícia Vieira*. (Org.). *A obra teórica de Marx: Atualidades, problemas e interpretações*. 1ªed. São Paulo/Campinas: Xamã/ IFCH-UNICAMP, 2000, p. 191.

<sup>46</sup> Ver A árvore genealógica como a “a árvore da liberdade” *in: PALMER, Bryan. Edward Palmer Thompson. Objeções e oposições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. p. 51.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 53.

<sup>48</sup> Una entrevista con THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, p. 317.

<sup>49</sup> BATALHA, Claudio H. M. *Op. Cit.*, 2000, p.194.

<sup>50</sup> PALMER, Bryan. *Op.cit.*, 1996, p. 170.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 107.

<sup>52</sup> *Idem*, p. 107.

<sup>53</sup> Una entrevista, *Op.Cit.*, p. 311.

<sup>54</sup> Una entrevista, *Op.Cit.*, p. 313.

<sup>55</sup> Una entrevista, *Op.Cit.*, p. 309.

<sup>56</sup> BATALHA, Claudio H. M. *Op.Cit.*, 2000, p. 201.

<sup>57</sup> *Idem*, p. 191.

<sup>58</sup> Una entrevista, *Op.Cit.*, pp. 314-315.

<sup>59</sup> *Idem*, p. 195.

<sup>60</sup> BATALHA, *Op.Cit.*, 2000.

<sup>61</sup> BATALHA, Claudio H. M. *Op.Cit.*, 2000, p. 196.

<sup>62</sup> FORTES, Alexandre. Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson. *in: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, v. 18, n.1, pp. 197-215. 2006, p. 200.

<sup>63</sup> Ver MUNHOZ, Sidney. Fragmentos de um possível diálogo com THOMPSON, Edward Palmer e com alguns de seus críticos. *Revista de História Regional* 2 (2). pp. 153-185, 1997, p. 164.

---

<sup>64</sup> SILVA, Sergio. Thompson, Marx, os marxistas e os outros. *in*: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.) *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Op. Cit.*, p. 60.

<sup>64</sup> *Idem*, p. 66.

<sup>65</sup> *Idem*, p. 66.

<sup>66</sup> *Idem*.

<sup>67</sup> Entrevista a E. P. Thompson. Quaderni Storici 92/a. XXXI, n.2, agosto 1996. Entrevista feita por Penelope Corfield em fevereiro de 1992.

<sup>68</sup> *Idem*, p. 417.

<sup>69</sup> THOMPSON, E. P.. *Op.Cit.*, 1981 p.8.

<sup>70</sup> Una entrevista, *Op.Cit.*, p. 417.

<sup>71</sup> Una entrevista, *Op.Cit.*, p. 418.

<sup>72</sup> THOMPSON, E. P. *Op.Cit.*, 1981 p. 61.

<sup>73</sup> NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.) *Op. Cit.*, 2000, p. 5.

<sup>74</sup> HOBBSAWM, Eric. Prefácio de PALMER, Bryan. *Op.cit.*

<sup>75</sup> SCHWARZ, Bill. Razão e desrazão em E. P. Thompson. *in*: *Revista Projeto História*. São Paulo, (12), out. 1995, p. 19.

Data de envio: 18/09/2013.

Data de aceite: 27/09/2013.